

Mudança de Tom

12.VII 45'

O sr. Getúlio Vargas proferiu há dias mais uma oração radiofônica. Segundo nota uma das mais autorizadas folhas cariocas, constituiu ela uma decepção. E, realmente, não foi a fala o que se esperava. O que se esperava e era de esperar, é que o Presidente da República mantivesse e, até, acentuasse mais, a orientação dos discursos anteriores. Esta, porém, não foi uma oração subversiva. Dir-se-ia, até, um presidente fundamentalmente constitucionalista, que, por circunstâncias especiais, da sua política se visse obrigado a prestar contas diretamente à Nação, como têm feito os presidentes norte-americanos algumas vezes. Mudou o tom, mudaram as palavras, mudou quase tudo.

Não tocou, sequer, na reforma constitucional: nem na radical, pretendida pelo sr. Danton Coelho, nem da razoável, preconizada pelo sr. Brochado da Rocha. Sua principal preocupação foi explicar, em termos comedidos, porque não pôde ainda começar a cumprir as suas promessas, e acenar ao povo com uma situação radiosa no próximo ano de graça de 1952.

Como explicar tamanha mudança de tom, que não houve jornal que a não apontasse? A grande e perturbadora repercussão dos seus dois discursos anteriores, as resistências que levaram as falas do sr. Danton Coelho, o alarme dos círculos econômicos e financeiros, de cuja boa vontade depende em boa parte o êxito do governo, tudo isto poderá ter concorrido para a mudança. Mas, para quem, como nós, bem conhece o sr. Getúlio Vargas e sabe da sua renitência, tais motivos seriam insuficientes para o fazer recuar. Deve ter havido, para tanto, uma causa mais imediata e direta.

Noticiámos, com efeito, há tempo, uma demorada entrevista entre o ministro do Trabalho e o ministro da Guerra. Realizou-se o encontro no ministério do primeiro, o que significa ter cabido a iniciativa ao segundo. Que teria ido fazer o sr. Estillac Leal ao palácio onde faz política o sr. Danton Coelho? Claro parece que não teria ido tratar da aplicação das leis trabalhistas ao pessoal subordinado ao seu departamento. Matéria política de alta importância deveria ter levado o titular da Guerra a procurar pessoalmente o seu colega do Trabalho. E, em verdade, alguma coisa transpirou da conferência. O sr. Estillac Leal foi dizer amigavelmente ao sr. Danton Coelho e, por tabela, ao sr. Getúlio Vargas, que as Classes Armadas não poderiam concordar com qualquer atentado à Constituição e, muito menos, com as milícias populares que, para libertar Getúlio, já se estavam organizando e se esvaíram, como por encanto. Esta é, para nós, a causa verdadeira da mudança de tom verificada na última fala presidencial.

Pode-se, pois, dizer que o sr. Getúlio Vargas passou da tática ofensiva à tática defensiva. O Congresso Nacional, sempre acintosamente ignorado nos seus anteriores discursos radiofônicos, mereceu agora a honra de ser considerado um fator importante, senão decisivo, no desenvolvimento da política do Governo.

Verdade é que, nisto, viram alguns articulistas uma ameaça à instituição legislativa. Sobre esta andarão o Presidente da República procurando lançar de antemão a culpa da falência da sua política. Se ela vier a falhar, se não se puderem cumprir as suas promessas de candidato, será por falta da indispensável colaboração do Congresso. Como, porém, poderia isto acontecer, se o governo dispõe de grande maioria em ambas as casas do parlamento, e tão docil maioria, que repudia hoje, com Getúlio Vargas, o que sustentava ontem com Eurico Dutra?

É provável, portanto, que o Presidente da República se esteja preparando, como em 1937, para fazer do Congresso o seu bode expiatório. Ao Congresso cabe, porém, inutilizar a manobra, cumprindo serenamente e corajosamente o seu dever. Dar êle pretextos ao Presidente, criando obstáculos e dificuldades à política do Governo, no que ela fôr acertada, seria insensatez, senão impatriotismo; mas aceder a tudo, com tudo concordar, simplesmente para fugir à responsabilidade que o Presidente lhe quer atribuir, não seria menor insensatez e impa-

triotismo? impatriotismo por concordar passivamente com o êrro; insensatez, porque não evitaria com isto, antes apreciaria, um desfecho infeliz. A lição de 1937, em que o Congresso cedeu às imposições do sr. Getúlio Vargas, pensando que salvava as instituições, é bastante instrutivo.